

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 16 DE ABRIL DE 1996

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Ruth; Excelentíssima Senhora Luíza Guterres, que nos dá a honra da presença, trazendo para esta solenidade a presença de Portugal; veio aqui acompanhando o Primeiro-Ministro de Portugal, Dr. Guterres, que nos honra muito, bem como a comitiva que o acompanha; Senhor Ministro da Cultura, Professor Weffort; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhor Prefeito de Recife; Senhora Gladys Buarque, pelo Governador do Distrito Federal, aqui presente; Senhor Marcos Mendonça, Secretário de Cultura de São Paulo; Senhores Parlamentares; Senhor José Safra; Senhor Carlos Alberto Vieira, Presidente do Banco Safra; Senhor Emanuel Araújo; Senhoras e Senhores;

É, para mim, um prazer especial inaugurar a I Exposição de Artes Plásticas que se realiza no saguão principal do Palácio do Planalto. Corroboro, assim, as palavras do Ministro da Cultura.

Queria fazer apenas uma pequena observação. É a primeira exposição de artes plásticas, mas, algum tempo atrás, tive o prazer de assistir, também, aqui, e com isso faço uma homenagem, a uma ex-

posição dos fotógrafos, muitos dos quais aqui estão, que fizeram uma mostra muito bonita aqui neste saguão, documentando uma parte da vida política brasileira, que é por eles acompanhada.

Esse prazer especial a que me referia é muito especial porque os salões deste Palácio – por definição e em uma democracia, um palácio deve ser aberto ao povo – acolhem uma exposição de arte, e eu tenho a intenção de repetir essa iniciativa, pois quero que os brasileiros venham conhecer de perto a sede do Poder Executivo e ver onde esse Poder trabalha.

Pode parecer estranho que se abram os portões do Palácio ao público. Mas eu creio que, em uma democracia, os palácios não são apenas para aqueles que nele trabalham. São monumentos arquitetônicos e devem ser, o quanto possível, vividos pela população; e seus espaços devem ser aproveitados para se mostrar aquilo que de bom existe no País.

O momento é igualmente especial, porque os escultores que compõem esta mostra inaugural são artistas extraordinários.

Logo no início da minha vida pré-acadêmica – e eu não estava sozinho, a Ruth também me acompanhava nisso – uma das nossas primeiras ocupações foi aprender a ser guia do Museu de Arte de São Paulo. Sei como é enriquecedor o contato direto com os grandes mestres. Nunca hei de esquecer a emoção – na época, eu tinha idade tenra, 17 anos, por aí, 18 –, nunca pude esquecer a emoção de ver os primeiros quadros dos grandes pintores que o Museu de Arte de São Paulo trouxe para o Brasil.

Tínhamos como professor, na época, uma pessoa eminente, que era o Dr. Bardi, um museólogo de São Paulo que nos ensinava a ver os quadros, porque nós, depois, deveríamos, teoricamente, ensinar o público que acorresse às exposições, também a olhar os quadros.

Confesso que não sou muito dotado para as artes. Desenho pessimamente. Mas tenho uma forte emoção e um grande interesse sobretudo na pintura, talvez mais mesmo que na escultura. E aquela oportunidade que São Paulo ofereceu na época, a abertura de um museu que hoje marca a História, de alguma maneira marcou a minha ge-

ração, porque nos fez sentir e incorporar as outras dimensões da nossa formação intelectual à formação artística.

Sei, portanto, o quanto isso pode ser enriquecedor e, por isso, gostaria que o povo da Capital partilhasse dessas experiências, porque elas educam a nossa sensibilidade. E Rodin é, naturalmente, um mestre de todos os tempos, da escultura. Precursor do modernismo, homem de excepcional sensibilidade estética, por isso mesmo obteve extraordinário sucesso de público no Brasil. Tão forte foi a presença do público nas exposições feitas em São Paulo e no Rio, que abriu o interesse da população para a obra artística.

Acho que ajudou muito o fato de termos permitido, graças àquela tão exitosa exposição, que a população sentisse o que era um gênio da escultura.

E agora, aqui, nesta exposição, temos, também, escultores brasileiros – Leopoldo da Silva, De Fiori, Brecheret, Bruno Giorgi, herdeiros dessa mesma sensibilidade que marcou Rodin e que, certamente, representam o que de melhor o Brasil produziu nesse campo.

É verdade que alguns desses escultores nós podemos vê-los aqui, no Palácio do Planalto, podemos vê-los no Itamarati, mas agora vamos apreciá-los de maneira didática, o que é muito importante.

Quero aproveitar para agradecer a todos os que cooperaram para a possibilidade desta mostra, a começar pelo Ministério da Cultura, pelo Ministro da Cultura, que tem sido extraordinário no incentivo à vida cultural do Brasil; e pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Não por acaso, existe uma lei famosa em São Paulo, que tem o nome do Secretário – a Lei Mendonça – que, agora, está aqui, em carne e osso; o Mendonça é o autor dessa lei que tira um pouquinho de dinheiro dos cofres públicos para dar para a arte. E isso nos apraz muito.

Quero agradecer, também, ao Consulado-Geral da França em São Paulo e à Associação dos Amigos da Pinacoteca do Estado de São Paulo; e, muito especialmente – na palavra que já foi aqui dita, com mais brilho do que a minha, pelo Ministro Weffort –, ao Manoel Araújo, o Diretor da Pinacoteca e Curador desta exposição, responsável pela sua concepção e pela sua organização.

Mas, me permitam, quero fazer um agradecimento muito especial e particular ao Banco Safra, ao seu Presidente e ao José Safra, sem cujo apoio não teria sido possível organizar-se esta exposição. A verdade é que a família Safra tem dado ao Brasil um exemplo de como a elite deve se comportar, na melhor tradição que nos legaram o Paulo Prado, o Ciccillo Matarazzo, a Yolanda Penteado, o Oscar Americana e tantos outros.

Há poucas semanas, inaugurei, em Stanford, uma cátedra com o nome de Joaquim Nabuco. É uma cátedra de estudos brasileiros, a primeira que existe nos Estados Unidos com essa finalidade de incentivar os estudos brasileiros. Esse esforço só foi possível porque a família Safra, mais uma vez, nos deu uma cooperação decisiva. E nós, que somos professores, acadêmicos, sabemos da importância dessas coisas, da existência disso em Stanford; e, mais tarde, vamos fazer o mesmo noutros países, na Inglaterra, por exemplo.

Ainda ontem, conversei com o nosso Embaixador na Inglaterra. Fui professor em Cambridge, numa cátedra que era lá mantida por capitais venezuelanos, Cátedra Bolívar. E nós estamos organizando em Oxford – para não dizer que estou puxando a brasa para a minha sardinha cambridgeana ou para o meu *college* –, também, um centro de estudos com a mesma parceria que o Ministro Weffort mostrou, aqui, que é fundamental, do Governo com a iniciativa privada, para que possamos, assim, difundir melhor o Brasil.

Quero dizer que esse mecenato, hoje representado aqui pela família Safra e pelo Banco Safra, vai muito além da generosidade individual: é uma manifestação consciente de responsabilidade social da elite. Acho que essa é uma maneira de aqueles que são bem sucedidos e que, certamente, devem ao País, devolverem à sociedade um pouco do que a sociedade lhes deu. É alguma coisa de significativo. E é lamentável, no Brasil, que o mecenato ainda esteja um pouco escasso e haja resistências a uma atitude mais aberta nesse sentido.

Exemplos como esse de hoje incentivam outros brasileiros e estrangeiros a que se juntem a nós nesse esforço de sustentação da cultura. Temos uma lei federal de incentivo à cultura, lei que vem dos

tempos do Presidente Sarney, reformulada na época do Ministro Rouanet e que, agora, o Ministro Weffort está tornando mais ágil e mais apta para atender aos reclamos da cultura. Portanto, estamos criando no Governo as condições para que o mecenato possa ser exercitado.

Em muitos casos, como no dessa lei federal, não se trata nem sequer de mecenato, mas de uma participação direta em obras de arte, muitas das quais, como no caso do cinema, podem, realmente, ter resultados positivos.

Não quero ser injusto. Eu me referi à família Safra, mas é bem verdade que, no Brasil, há pessoas como Olavo Setubal, como Roberto Marinho e tantos outros, cujas famílias, e eles próprios, têm ajudado também a estabelecer um vínculo maior com a cultura.

Nos Estados Unidos, isso é comum. Exponentes como os Mellon, os Guggenheims, os Rockfellers têm seus nomes ligados às artes, à cultura. Em Portugal, a Fundação Gulbenkian; a Fundação Salisbury, na Inglaterra. Enfim, há muitos.

Tenho a certeza de que, com esse patrocínio, muitos cineastas, muitos escultores, pintores, artistas de talento podem, realmente, encontrar apoio e incentivo.

Queria também aproveitar esta oportunidade para repetir, diante do Ministro da Cultura e da Dra. Gladys, que transmitirá ao professor Cristovam Buarque esse meu empenho, que eu tenho um sonho, aqui, em Brasília: é que eu gostaria de ver, realmente, aqui, um museu de artes plásticas que viesse a ser o orgulho da nossa Capital. É inacreditável que não tenhamos podido, ainda, organizar os recursos para que tenhamos um museu de Brasília. Brasília é a Capital Federal. Brasília, hoje, já tem uma vida artística e cultural importante. Para ela nós podemos dirigir os esforços de todo o País, e seria muito significativo que Brasília tivesse esse museu.

Creio que esta é a oportunidade para fazer um apelo ao Brasil, aos empresários brasileiros, para que se juntem a nós nessa empreitada e que, junto com o Governador de Brasília, com o Ministério da Cultura, com o Ministério da Educação, que é mais rico que todos nós, possamos vir a constituir, realmente, alguma coisa aqui como temos o

Masp em São Paulo, o MAM no Rio de Janeiro. Brasília carece de uma presença dessa natureza.

Acredito que, se nos empenharmos, como temos nos empenhado na área da cultura, e reitero aqui os meus agradecimentos à ação do professor Weffort; se conseguirmos o que estamos fazendo entre o plano federal e o plano estadual, e não só com São Paulo, embora aqui a maioria seja paulista; se conseguirmos expandir – e o Prefeito de Recife veio aqui para dizer que vai expandir, sim, para o plano municipal – para o plano municipal e realmente conseguirmos sensibilizar o País todo, tenho a certeza de que teremos uma multiplicação de atividades desse tipo.

Dito isso, senhores e senhoras, e reiterando meus agradecimentos pela presença, eu os convido a que, juntos, inauguremos esta mostra. Muito obrigado.